

O Impacto das Alergias Alimentares na Primeira Infância na Saúde Mental das Mães: Uma Revisão Integrativa

**Maria Eduarda Saraiva Moreira¹
Camila Bolzan de Campos²**

Resumo

O tema abordado neste trabalho de conclusão de curso é a saúde mental de mães de crianças na primeira infância com alergia alimentar. O objetivo deste estudo foi realizar uma revisão integrativa da literatura para compreender o impacto psicológico dessas alergias na vida das mães. A revisão integrou estudos que abordam diversos aspectos relacionados ao tema. Os artigos foram buscados em bases de dados como a Biblioteca Virtual da Saúde (BVS), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (Medline) e Scientific Electronic Library Online (SciELO), publicados entre 2014 e 2024. Os descritores utilizados foram "alergia alimentar", "mães", "saúde mental", "impacto psicológico" e "mães de crianças alérgicas". Um total de 62 artigos foram recuperados. Os artigos selecionados foram aqueles que estavam dentro dos critérios de inclusão. Deste modo, restaram 19 artigos. A análise dos estudos selecionados revelou que as alergias alimentares das crianças estão frequentemente associadas a um aumento significativo nos níveis de ansiedade e estresse materno, além de outras consequências psicológicas adversas. Esses desafios incluem preocupações constantes com a saúde da criança, medo de reações alérgicas severas, e o impacto social de lidar com as restrições alimentares. As implicações desses achados ressaltam a necessidade de mais estudos na área, mas principalmente de apoio psicológico e intervenções direcionadas para melhorar a qualidade de vida dessas mães.

Palavras-chave: alergia alimentar, primeira infância, saúde mental, impacto psicológico, mães.

1 Discente do curso de Psicologia da Universidade La Salle - Canoas, matriculada na disciplina de TCC. E-mail: maria.202021112@unilasalle.edu.br

2 Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2002). Especialista em Formación y Desarrollo del Capital Humano pela Universitat Pompeu i Fabra - Barcelona (2003). Doutora em Psicologia Social pela Universitat de Barcelona (2008), Doutorado reconhecido pelo programa de Psicologia Social e Institucional da UFRGS, Pós-doutorado na UFRGS, com bolsa Docfix (Capes/Fapergs). Coordenou o GT de Psicologia Ambiental da Sociedade Interamericana de Psicologia (2013-2017). Atualmente é Coordenadora do Curso de Psicologia da Unilassalle (Canoas).

The Impact of Food Allergies in Early Childhood on Mothers' Mental Health: An Integrative Review

Abstract

The theme addressed in this thesis is the mental health of mothers of early childhood with food allergies. The aim of this study was to conduct an integrative literature review to understand the psychological impact of these allergies on the lives of mothers. The review integrated studies that address various aspects related to the theme. Articles were searched in databases such as Biblioteca Virtual da Saúde (BVS), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (Medline) and Scientific Electronic Library Online (SciELO), published between 2014 and 2024. The descriptors used were "food allergy", "mothers", "mental health", "psychological impact" and "mothers of allergic children." A total of 62 articles were retrieved. The selected articles were those that met the inclusion criteria. Thus, 19 articles remained. The analysis of the selected studies revealed that children's food allergies are often associated with a significant increase in maternal anxiety and stress levels, as well as other adverse psychological consequences. These challenges include constant concerns about the child's health, fear of severe allergic reactions, and the social impact of dealing with dietary restrictions. The implications of these findings highlight the need for more studies in the area, but mainly for psychological support and targeted interventions to improve the quality of life for these mothers.

Keywords: food allergy, early childhood, mental health, psychological impact, mothers.

El Impacto de las Alergias Alimentarias en la Primera Infancia en la Salud Mental de las Madres: Una Revisión Integrativa

Resumen

El tema abordado en este trabajo de conclusión de curso es la salud mental de madres de niños en la primera infancia con alergia alimentaria. El objetivo de este estudio fue realizar una revisión integradora de la literatura para comprender el impacto psicológico de estas alergias en la vida de las madres. La revisión integró estudios que abordan diversos aspectos relacionados con el tema. Los artículos se buscaron en bases de datos como Biblioteca Virtual da Saúde (BVS), Literatura

Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (Medline) e Scientific Electronic Library Online (SciELO), publicados entre 2014 y 2024. Los descriptores utilizados fueron "alergia alimentaria", "madres", "salud mental", "impacto psicológico" y "madres de niños alérgicos". Se recuperaron un total de 62 artículos. Los artículos seleccionados fueron aquellos que cumplían con los criterios de inclusión. De este modo, quedaron 19 artículos. El análisis de los estudios seleccionados reveló que las alergias alimentarias de los niños están frecuentemente asociadas con un aumento significativo en los niveles de ansiedad y estrés materno, además de otras consecuencias psicológicas adversas. Estos desafíos incluyen preocupaciones constantes por la salud del niño, miedo a reacciones alérgicas severas y el impacto social de lidiar con las restricciones alimentarias. Las implicaciones de estos hallazgos resaltan la necesidad de más estudios en el área, pero principalmente de apoyo psicológico e intervenciones dirigidas a mejorar la calidad de vida de estas madres.

Palabras clave: alergia alimentaria, primera infancia, salud mental, impacto psicológico, madres.

Introdução

As alergias alimentares (AA) em crianças na primeira infância, considerada o período entre 0 e 6 anos, que é uma fase crucial para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança (OMS, 2020) representam um desafio significativo para as famílias, não apenas devido aos cuidados médicos necessários, mas também pelos potenciais impactos psicossociais. Segundo Gomes et al. (2018), a AA constitui uma condição crônica na qual as crianças alérgicas e seus cuidadores enfrentam a possibilidade significativa de experimentar considerável ansiedade e estresse psicossocial, elementos que afetam negativamente a qualidade de vida.

Em uma pesquisa realizada por Abdurrahman et al. (2013), envolvendo pais de crianças recentemente diagnosticadas com AA, a maioria relatou evitar frequentar restaurantes, enquanto cerca de metade restringia as atividades sociais e/ou viagens de seus filhos com outras crianças. Além disso, muitos afirmaram reduzir suas horas de trabalho devido à necessidade de dedicar mais tempo à preparação de refeições para a família.

De acordo com Oliveira et al. (2018), as AA são uma reação imunológica específica desencadeada pela ingestão de um alimento em particular, resultando em uma resposta adversa que pode ter consequências graves e até mesmo colocar em risco a vida dos afetados, além de reduzir sua qualidade de vida. Essa condição se caracteriza por uma reação adversa do sistema imune, onde um alimento é erroneamente reconhecido como uma ameaça ao organismo, desencadeando uma resposta alérgica.

Segundo a Associação Brasileira de Alergia e Imunologia (2022), de acordo com dados epidemiológicos mundiais, cerca de 8% das crianças apresentam algum tipo de alergia alimentar, enquanto entre os adultos a prevalência é de aproximadamente 2%. Os principais alérgenos alimentares são substâncias encontradas em certos alimentos que podem desencadear reações alérgicas em pessoas sensíveis, sendo os tipos alimentares mais comuns: leite, ovo, amendoim, nozes, peixe, marisco, soja e trigo (Oliveira et al., 2018).

A alergia à proteína do leite de vaca (APLV) é uma das AA mais prevalentes, especialmente em bebês e crianças pequenas, desencadeada pela ingestão de proteínas presentes no leite de vaca. A APLV pode apresentar sintomas que variam desde urticária até reações mais graves, como dificuldade respiratória e choque anafilático, exigindo tratamento que envolve a eliminação completa do leite de vaca e seus derivados da alimentação (Venter e Meyer, 2017).

Para Nunes (2012), a evicção alimentar é o principal tratamento para AA, visto que não há cura disponível atualmente. No entanto, é essencial garantir a ingestão de nutrientes adequados ao substituir os alimentos eliminados da dieta por alternativas nutricionalmente equivalentes (Cummings, 2010). O diagnóstico de AA frequentemente envolve o teste de provocação oral, embora apresente riscos e deva ser realizado em ambiente hospitalar, além dos testes cutâneos amplamente utilizados para excluir a sensibilização a determinados alimentos (Longo et al., 2013).

Estudos sobre a prevalência de AA sugerem que elas são mais comuns na infância, com uma diminuição da prevalência conforme a idade aumenta, mas ainda representam um problema significativo em países industrializados (Sampson, 2004). A AA tem um impacto significativo na ansiedade e na qualidade de vida (Shaker, Schwartz e Ferguson, 2017), especialmente quando se trata da APLV, que se torna um desafio para o cuidador da criança, frequentemente a mãe (Abagaro et al., apud Santos Júnior et al., 2023). A adaptação e os cuidados necessários se tornam cheios de desafios e frustrações, impactando a estrutura familiar e a rotina da mãe, que muitas vezes se vê sobrecarregada e solitária nesse contexto (Reis et al., apud Santos Júnior et al., 2023).

Segundo o estudo de Gomes, Silva e Yonamine (2018), nos últimos anos tem sido observado um aumento na incidência das doenças alérgicas, especialmente entre as crianças, o que tem consequências significativas nos aspectos cotidianos e na qualidade de vida tanto da criança quanto da família. Crianças com AA frequentemente enfrentam desafios adicionais, como ansiedade, ausências escolares e casos de bullying. Além disso, os cuidadores dessas crianças apresentam uma maior tendência ao estresse, à depressão e ao isolamento, muitas vezes devido ao receio de exposição aos alérgenos.

A orientação da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2001) é para que os bebês sejam

alimentados exclusivamente com leite materno durante os primeiros seis meses de vida e que continuem sendo amamentados, junto com a introdução gradual de alimentos sólidos, até pelo menos os dois anos de idade. Entretanto, a amamentação de bebês alérgicos pode representar um desafio significativo para as mães, uma vez que a dieta da mãe pode afetar diretamente a saúde do bebê.

As AA podem ser desencadeadas pelos componentes presentes no leite materno, o que pode exigir que a mãe faça alterações drásticas em sua própria alimentação. Identificar os alimentos que podem estar causando reações alérgicas no bebê pode ser um processo demorado e complexo, muitas vezes envolvendo a exclusão de vários alimentos da dieta da mãe. Além disso, a restrição dietética pode gerar preocupações em relação à nutrição adequada tanto para a mãe quanto para o bebê.

As mães de bebês alérgicos podem sentir-se sob pressão para garantir que estão oferecendo alimentação suficiente e adequada para o desenvolvimento de seus filhos, ao mesmo tempo em que lidam com o estresse emocional e físico associado à amamentação e à gestão das AA. Essas dificuldades podem afetar não apenas a saúde física do bebê, mas também o bem-estar e a saúde mental da mãe, destacando a importância de oferecer suporte adequado e recursos para ajudar as mães a enfrentarem os desafios da amamentação de bebês alérgicos.

Diante dessas considerações, é evidente que a alergia alimentar na primeira infância não afeta apenas o indivíduo diretamente envolvido, mas também toda a dinâmica familiar. As restrições dietéticas e a necessidade de vigilância constante podem causar alterações significativas na rotina familiar, levando a sentimentos de estresse, ansiedade e isolamento social por parte dos cuidadores.

As mães frequentemente assumem o papel de cuidadoras primárias em contextos familiares, desempenhando um papel central no bem-estar e desenvolvimento de seus filhos. Este estudo se concentra em analisar o impacto das AA na primeira infância na saúde mental das mães, considerando-as não apenas como provedoras de cuidado físico, mas também como principais gestoras do ambiente emocional e psicológico da família. Segundo Bowlby (1969), o papel da mãe na vida de uma criança é crucial, não apenas para a nutrição física, mas também para a segurança emocional e o desenvolvimento psicológico. Reconhecer e abordar esses prejuízos psicológicos é essencial para promover o bem-estar emocional das famílias afetadas, garantindo um ambiente de apoio e compreensão para todas as partes envolvidas.

Objetivo

Diante do exposto e buscando oferecer subsídios para uma melhor compreensão dos achados na literatura científica, esta revisão integrativa tem como objetivo analisar e sintetizar

estudos sobre o impacto das alergias alimentares na primeira infância na saúde mental das mães. Deste modo, pretende proporcionar uma visão abrangente de como as alergias alimentares em crianças de 0 a 6 anos afetam a saúde mental de suas mães, considerando variáveis como estresse, ansiedade, adaptação familiar e social.

Método

O presente estudo trata-se de uma revisão integrativa de literatura científica nacional. Esse tipo de revisão, conforme Souza, Silva e Carvalho (2010), constitui-se de seis etapas: (a) elaboração das questões norteadoras; (b) busca na literatura; (c) categorização dos estudos; (d) avaliação dos estudos; (e) interpretação dos resultados e (f) síntese do conhecimento. As questões norteadoras do presente estudo são: como as alergias alimentares na primeira infância impactam a saúde mental das mães, considerando variáveis como estresse, ansiedade, adaptação familiar e social.

Este estudo utilizou dados coletados a partir de fontes secundárias por meio de um levantamento bibliográfico. Para buscar artigos na literatura, foram consultadas as seguintes bases de dados: Biblioteca Virtual da Saúde (BVS), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (Medline) e Scientific Electronic Library Online (SciELO), publicados entre 2014 e 2024 (últimos 5 a 10 anos).

Os critérios de inclusão para seleção dos artigos foram: publicações em português e inglês; artigos completos que abordassem o impacto das alergias alimentares em crianças na saúde mental das mães; e artigos indexados nos bancos de dados mencionados nos últimos dez anos. A análise e síntese dos dados extraídos foram realizadas de forma descritiva, permitindo observação, contagem, descrição e classificação dos dados, com o objetivo de reunir o conhecimento produzido sobre o tema explorado nesta revisão integrativa.

Procedimentos:

A partir das questões norteadoras, as buscas nas bases de dados foram realizadas utilizando os seguintes descritores e suas possíveis combinações em português e inglês: "alergia alimentar", "mães", "saúde mental", "impacto psicológico" e "mães de crianças alérgicas". Foram encontradas um total de 19 referências, que foram selecionadas com base na leitura de seus resumos, aplicando os critérios de inclusão/exclusão estabelecidos previamente.

Os artigos selecionados foram acessados na íntegra e submetidos a uma leitura analítica, conduzida de forma independente pelo primeiro autor. Os resultados desta análise foram organizados em uma planilha contendo seis dimensões de análise, seguindo os procedimentos sugeridos por Broome (2000). As dimensões de análise foram as seguintes: (a) ano de publicação; (b) fonte de publicação; (c) tipo de estudo; (d) amostra; (e) objetivos; e (f) principais resultados.

Análise de dados:

Após a aplicação dos critérios estabelecidos, foram selecionados 62 artigos. Destes, 43 foram excluídos devido a não estarem publicados em português ou inglês. Em seguida, foram descartados os artigos que não tratavam diretamente do impacto das alergias alimentares em crianças na saúde mental das mães, assim como aqueles que não se encaixavam no período de publicação estabelecido, que foi de 2014 a 2024. Além disso, foram excluídos artigos que não abordavam especificamente mães de crianças com alergias alimentares.

Por fim, foram considerados critérios metodológicos mínimos para inclusão, descartando artigos com amostras insuficientes ou falta de clareza na metodologia. Esses critérios de exclusão garantiram que apenas estudos relevantes e de alta qualidade fossem incluídos na revisão integrativa. Os estudos restantes foram lidos na íntegra. Portanto, foram efetivamente recuperados para este estudo um total de 19 artigos. Os resultados da categorização dos artigos recuperados foram interpretados à perspectiva da integração com outros estudos sobre o assunto, culminando na síntese do conhecimento decorrente deste trabalho.

Resultados

A Tabela 1 categoriza os artigos recuperados com base no ano de publicação, fonte, tipo de estudo e amostra, identificados por números para melhor organização. As Tabelas 2 e 3 apresentam, respectivamente, a categorização dos artigos quanto aos seus objetivos e principais resultados. Os dados serão discutidos à perspectiva da revisão de literatura.

Tabela 1

Categorização dos artigos recuperados quanto à identificação, ano de publicação, fonte, tipo de estudo e amostra

(continua)

Nº	Ano de publicação	Base de dados	Fonte (Periódico)	Método	Amostra/ Participantes
1	2024	MedLine	Actas Esp Psiquiatr	Estudo transversal de coorte	580
2	2022	MedLine	Pediatr Alergia Imunol	Estudo transversal	65
3	2019	MedLine	Pediatr Allergy Immunol	Quantitativo	142
4	2018	MedLine	Asian Pac J Allergy Immunol	Estudo transversal observacional	200

Tabela 1

Categorização dos artigos recuperados quanto à identificação, ano de publicação, fonte, tipo de estudo e amostra

(conclusão)

Nº	Ano de publicação	Base de dados	Fonte (Periódico)	Método	Amostra/ Participantes
5	2018	MedLine	J Psychosom Res	Estudo transversal	206
6	2017	MedLine	BMC Public Health	Estudo transversal qualitativo	15
7	2017	MedLine	Pediatr Allergy Immunol	Estudo transversal	52
8	2017	MedLine	J Pediatr Psychol	Estudo transversal quantitativo	100
9	2015	MedLine	J Pediatr Psychol	Estudo transversal quantitativo	533
10	2015	MedLine	J Pediatr Psychol	Estudo observacional comparativo	266
11	2014	MedLine	Pediatr Allergy Immunol	Estudo transversal qualitativo	96
12	2019	SciELO	J Hum Growth Dev	Estudo qualitativo	12
13	2020	LILACS	Rev Rene	Estudo qualitativo	9
14	2023	MedLine	Allergol Immunopathol	Estudo transversal quantitativo	320
15	2022	MedLine	Pediatr Alergia Imunol	Estudo de coorte comparativo	179
16	2022	MedLine	Eur Ann Allergy Clin Immunol	Estudo observacional comparativo	135
17	2020	MedLine	Allergol Imunopatol	Estudo observacional comparativo	129
18	2017	MedLine	Nurs Health Sci	Estudo qualitativo	280
19	2016	MedLine	Medicine (Baltimore)	Estudo transversal	1409

Tabela 2
Categorização dos artigos recuperados quanto aos objetivos

(continua)

Nº	Objetivos
1	Analisar a associação entre os sintomas de alergia alimentar infantil e a depressão materna por meio de estudos transversais e de coorte.
2	Explorar possíveis associações entre alexitimia e ansiedade materna, em casos de alergia alimentar infantil com anafilaxia prévia.
3	Avaliar o desempenho das medidas do Food Allergy Quality of Life Questionnaire (FAQLQ) em uma amostra russa de crianças com alergia alimentar e suas mães e investigar a associação entre a qualidade de vida da criança e a ansiedade geral materna.
4	Avaliar a qualidade de vida do cuidador em crianças com alergia alimentar relatada pelos cuidadores.
5	Aumentar a compreensão das associações entre variáveis das mães e a alergia alimentar infantil.
6	Explorar as experiências e comportamentos dos cuidadores ao comer fora com seus filhos com alergia alimentar.
7	O objetivo do estudo foi avaliar a qualidade de vida relacionada à saúde em crianças com alergia alimentar gastrointestinal não mediada por IgE por meio de questionários preenchidos pelos cuidadores.
8	Comparar as percepções de pais e mães sobre o impacto e a gravidade da alergia alimentar de seus filhos e seus níveis de envolvimento nos cuidados relacionados à alergia.
9	Identificar fatores associados às percepções maternas da qualidade de vida (QV) relacionada à saúde entre crianças com alergias alimentares (AA) e identificar fatores maternos que podem moderar as relações entre os desafios relacionados às AA e a QV da criança.
10	Examinar a promoção da autonomia materna e a resolução independente de problemas em crianças com alergia alimentar.

Tabela 2
Categorização dos artigos recuperados quanto aos objetivos

(conclusão)

Nº	Objetivos
11	Entender se as mães de crianças com alergia alimentar apresentam níveis mais elevados de ansiedade e estresse em comparação com os outros grupos, além de identificar os determinantes específicos dessa ansiedade, como histórico de anafilaxia alimentar.
12	Analisar a percepção dos pais de crianças com alergias alimentares devido à proteína do leite de vaca (APVL) ou intolerância à lactose (IL) e investigar os fatores influentes no tratamento dessas condições alérgicas.
13	Entender os impactos da alergia à proteína do leite de vaca do ponto de vista das mães.
14	Avaliar a qualidade de vida em crianças com alergias alimentares, os transtornos depressivos e de ansiedade que as acompanham e a sobrecarga de cuidado de suas mães.
15	O objetivo do estudo foi investigar a relação entre eliminação alimentar e psicopatologia materna, especificamente ansiedade, depressão e vínculo mãe-bebê, em mães que amamentam bebês com alergia alimentar.
16	Determinar os efeitos das dietas de eliminação da mãe e os achados clínicos sobre a ansiedade das mães em bebês com alergia alimentar com reações não fatais.
17	Examinar os padrões de estresse, sono e distúrbios do sono de crianças com alergia alimentar e suas mães.
18	Investigar a capacidade dos cuidadores de administrar com confiança a alergia alimentar de uma criança, conhecida como capacidade de resposta à alergia alimentar.
19	Examinar a relação entre os fatores de risco cardiovascular das mães, como pressão arterial sistólica, pressão arterial diastólica, índice de massa corporal, e o escore de estresse psicológico materno, em relação à gravidade da alergia alimentar das crianças.

Tabela 3
Categorização dos artigos recuperados quanto aos principais resultados

(continua)

Nº	Principais resultados
1	Entre crianças com escores de sintomas de alergia alimentar de níveis mais altos foram associados a uma maior prevalência de depressão em suas mães.
2	A alexitimia infantil foi positivamente associada à anafilaxia prévia e à ansiedade materna. A ansiedade materna também foi associada à alexitimia materna. Além disso, foi encontrada uma associação positiva entre a alexitimia infantil e materna.
3	Uma em cada 5 mães teve pontuação GAD-7 indicativa de ansiedade moderada a grave. Este estudo identificou que o número de alimentos evitados e a gravidade da reação estão associados ao maior comprometimento da qualidade de vida em crianças russas com alergia alimentar e suas mães.
4	Os cuidadores cujos filhos tinham múltiplas alergias alimentares e tinham experimentado pelo menos uma reação anafilática estavam significativamente mais estressados
5	Existem associações significativas entre os sintomas alérgicos das crianças (gástricos e cutâneos) e o estado psicológico das mães (ansiedade e depressão); orçamento familiar; interações sociais (com amigos, família e parceiro); compreensão dos cuidados de saúde requeridos por seus filhos; e distúrbios do sono.
6	Os cuidadores relataram uma série de problemas relacionados a comer fora com seus filhos com alergia alimentar.
7	Quanto mais alimentos foram excluídos, a comorbidade de congestão nasal, dor abdominal, arqueamento das costas, persistência de flatos e gravidade dos sintomas gastrointestinais após dieta de eliminação foram relacionados a uma qualidade de vida inferior tanto para a criança como para os cuidadores.
8	As mães relataram mais impacto do que os pais na preparação de refeições, atividades sociais familiares, estresse e tempo livre, e envolvimento significativamente maior em cuidados relacionados a alergias.
9	A gravidade da alergia alimentar, o sofrimento psicológico materno e a superproteção foram significativamente associados a relatos de pior funcionamento infantil e/ou qualidade de vida entre jovens com alergia alimentar.
10	Em comparação com colegas saudáveis, crianças com alergia alimentar fizeram mais pedidos indiretos de ajuda, e suas mães eram mais propensas a fornecer ajuda desnecessária.

Tabela 3
Categorização dos artigos recuperados quanto aos principais resultados

(conclusão)

Nº	Principais resultados
11	Mães de crianças alérgicas a alimentos têm mais ansiedade e estresse em comparação com mães de crianças sem doenças crônicas. Anafilaxias mal controladas estão associadas à ansiedade materna.
12	Os cuidadores de crianças com alergia à proteína do leite de vaca (APLV) ou intolerância à lactose (IL) enfrentam influências significativas de fatores nutricionais e do estigma associado à doença. Além disso, relatam dificuldades de acesso a serviços de saúde que disponham de equipes multiprofissionais.
13	A restrição alimentar rigorosa devido à alergia à proteína do leite de vaca tem um impacto significativo na vida das crianças e das famílias, especialmente das mães, resultando em isolamento social e insegurança na utilização de serviços de saúde e educação devido ao desconhecimento e despreparo dos profissionais.
14	Foi determinado que as mães de crianças com alergias alimentares tinham níveis mais altos de ansiedade, depressão e sobrecarga de cuidado do que as mães do grupo de controle.
15	Mães que amamentam bebês com Alergia Alimentar eram mais ansiosas, com escores de depressão mais altos do que os controles, e tinham muitas psicopatologias que afetavam o vínculo mãe - bebê e os relacionamentos sociais.
16	A ansiedade das mães foi mais alta em casos de múltiplas eliminações alimentares, proctocolite alérgica, uso de redes sociais sobre alergia e dieta de eliminação feita pelas próprias mães.
17	A presença de uma alergia alimentar em uma criança pode estar associada à deterioração da qualidade do sono em crianças e mães, bem como ao aumento dos sintomas depressivos nas mães.
18	Maiores capacidades de resposta à alergia alimentar entre as mães, como colaboração conjugal, habilidades na dieta de eliminação, obtenção de informações médicas, conhecimento sobre alergias alimentares e enfrentamento do estresse, estavam associadas a melhor qualidade de vida materna e familiar, além de menor estresse geral não relacionado à criação dos filhos.
19	Há uma ligação forte e gradual entre risco cardiovascular e estresse percebido em mães de crianças alérgicas a alimentos.

Discussão

A análise dos 19 artigos selecionados revela uma série de padrões e tendências sobre o impacto das AA na saúde mental das mães de crianças na primeira infância. A maioria dos estudos selecionados utilizou métodos transversais, quantitativos e qualitativos. Alguns estudos combinaram abordagens qualitativas e quantitativas para explorar mais profundamente as experiências das mães. Estudos transversais predominaram nos artigos revisados, como observado em Zhang et al. (2024) e Polloni et al. (2022).

Esses estudos são eficazes para identificar associações entre variáveis em um momento específico, como a ligação entre sintomas de AA infantil e depressão materna. Estudos qualitativos, como o de Moimaz et al. (2019) e Reis et al. (2020), proporcionaram insights detalhados sobre as experiências e percepções das mães, enriquecendo a compreensão dos impactos psicológicos e sociais. Estudos observacionais e de coorte, como os de Dahlquist et al. (2015) e Sancali e Aslan (2022), compararam diferentes grupos ao longo do tempo ou entre condições, permitindo a análise de mudanças e efeitos causais.

As amostras variaram consideravelmente em tamanho, desde pequenos grupos em estudos qualitativos (9 a 15 participantes) até grandes amostras em estudos quantitativos transversais (1409 participantes). Estudos qualitativos utilizaram amostras menores, permitindo uma exploração mais profunda das experiências individuais. Em contrapartida, estudos quantitativos, como o de Walker et al. (2016), com 1409 participantes, possibilitaram a generalização dos resultados e a identificação de tendências significativas em populações maiores. Os objetivos dos estudos revisados centraram-se principalmente no impacto psicológico nas mães, qualidade de vida, experiências dos cuidadores e associações socioeconômicas e psicológicas.

Muitos estudos, como os de Zhang et al. (2024) e Kılıç et al. (2023), investigaram a relação entre a severidade da AA infantil e os níveis de ansiedade, depressão e estresse nas mães. Estudos como os de DunnGalvin et al. (2020) e Foong et al. (2017) focaram na qualidade de vida das crianças com AA e seus cuidadores, identificando fatores que afetam negativamente o bem-estar. Begen et al. (2017) exploraram as dificuldades enfrentadas pelos cuidadores ao gerenciar AA, especialmente em contextos sociais como comer fora. Estudos como os de Cortes et al. (2018) e Chow et al. (2015) examinaram como as variáveis socioeconômicas e comportamentais das mães influenciam a gestão das AA.

Os resultados dos estudos destacam várias tendências e associações importantes. Zhang et al. (2024) e Polloni et al. (2022) encontraram associações significativas entre os sintomas de AA infantil e a saúde mental das mães, incluindo maior prevalência de depressão e ansiedade. DunnGalvin et al. (2020) e Kılıç et al. (2023) mostraram que a qualidade de vida das crianças e a

sobrecarga de cuidado das mães são afetadas negativamente pela severidade da AA. Hoehn et al. (2017) identificaram que as mães relatam maior impacto das AA nas atividades diárias e no estresse em comparação com os pais. Estudos como os de Yilmaz et al. (2021) e Sancali e Aslan (2022) revelaram que múltiplas eliminações alimentares aumentam a ansiedade materna.

Vários estudos indicaram que mães de crianças com AA experimentam níveis significativamente mais altos de ansiedade e estresse em comparação com mães de crianças sem essas condições. Segundo o estudo de Zhang et al. (2024), foi encontrada uma associação significativa entre os níveis de sintomas de AA infantil e a depressão materna. As mães de crianças com sintomas mais graves de AA apresentaram maior risco de desenvolver depressão. Esses resultados são consistentes com pesquisas anteriores que destacam a carga emocional associada à gestão das AA e que a gravidade dos problemas de saúde infantil pode impactar significativamente a saúde mental das mães.

Em particular, mães que tiveram filhos com episódios de anafilaxia relataram níveis mais elevados de ansiedade, o que aponta para a necessidade de intervenções específicas para essa população. No estudo conduzido por Lau et al. (2014), a análise multivariada revelou que a anafilaxia alimentar prévia foi associada ao aumento da ansiedade e estresse materno em comparação com mães de crianças sem doenças crônicas. Além disso, segundo Chow et al. (2015), o histórico de anafilaxia e a quantidade de sintomas exibidos durante uma reação alérgica foram significativamente associados de maneira negativa às percepções maternas sobre a qualidade de vida de seus filhos.

Artigos como o de Cortes, Castillo e Sciaraffia (2018) mostram que a qualidade de vida dessas mães é frequentemente comprometida. Há associações significativas entre os sintomas alérgicos das crianças e o estado psicológico das mães, considerando quadros de ansiedade e depressão. Além disso, esses sintomas estão relacionados ao orçamento familiar, às interações sociais, à compreensão dos cuidados de saúde necessários para a criança e aos distúrbios do sono.

Os autores Chow et al. (2015), em um estudo conduzido com 533 mães, constataram que a depressão, ansiedade e estresse das mães apresentaram associações significativas com a ansiedade relacionada à comida, limitações sociais e dietéticas, e o impacto emocional da AA. Além disso, observaram que as variáveis de sofrimento materno mostraram associações significativas e adversas com as percepções das mães sobre a qualidade de vida da criança e sua saúde psicossocial.

Dessa forma, as preocupações constantes com a saúde dos filhos e a necessidade de vigilância contínua podem levar ao isolamento social e à redução de atividades prazerosas. A qualidade de vida reduzida também pode estar relacionada à falta de compreensão e apoio de outros membros da família e da comunidade, exacerbando o sentimento de responsabilidade exclusiva sobre o bem-estar do filho.

A gestão de AA impõe desafios significativos, como evitar locais com alimentos potencialmente alergênicos ou as dificuldades de manejo de comer fora com a família. Como mencionado no artigo de Begen et al. (2017), um dos grandes desafios para os cuidadores das crianças alérgicas era encontrar lugares seguros e adequados. Ao mesmo tempo, atender às preferências dos membros da família representava um desafio constante para os cuidadores. Comer fora era frequentemente visto como algo que inevitavelmente envolvia comprometimento ou sacrifício para pelo menos um membro da família.

Ainda no âmbito social, é importante salientar que a exclusão social se torna algo comum na vida dessas mães e famílias com crianças alérgicas. Na pesquisa conduzida por Reis et al. (2020), o afastamento social foi mencionado a partir da visão das mães. A AA teve um impacto significativo na vida familiar, especialmente da criança e da respectiva mãe, dificultando a participação social e impondo restrições que afetaram o relacionamento com amigos e a interação com a família ampliada. Além disso, os cuidados necessários para evitar a exposição da criança ao alérgeno, aliados ao temor de reações alérgicas, geraram momentos de preocupação e até constrangimento para as mães.

Esses desafios podem exacerbar o estresse e impactar a dinâmica familiar. A constante vigilância e a necessidade de educar outras pessoas sobre as alergias do filho podem ser extenuantes e levar ao esgotamento emocional. De acordo com o estudo de Dahlquist et al. (2015), foi observada uma tendência entre mães de crianças pequenas com AA de se envolverem excessivamente ou oferecerem ajuda desnecessária em situações em que sua assistência pode não ser necessária. Comportamentos semelhantes de pais demonstrando um alto nível de envolvimento além do contexto adaptativo foram observados em famílias de crianças com outras doenças crônicas. Em alguns casos, um nível excessivo de proteção pode limitar o desenvolvimento da autonomia e da resiliência nas crianças, tornando-as dependentes e menos capazes de lidar com desafios por conta própria. Além disso, pode gerar estresse adicional para as mães, afetando negativamente seu bem-estar emocional e mental.

Outro fator que é influenciado pela AA na vida das mães é a qualidade do sono. Considerando todos os desconfortos que advêm das alergias, as crianças que possuem o quadro têm mais propensão a ter despertares frequentes e distúrbios relacionados ao sono, afetando significativamente o sono das mães e da família. A pesquisa conduzida por Filiz et al. (2020) aplicou em 71 mães do grupo de crianças alérgicas e 58 mães do grupo controle sem alergias o teste Pittsburgh Sleep Quality Index (PSQI), que é um instrumento utilizado para avaliar a qualidade do sono em adultos. Ele examina diversos aspectos do sono, como a duração, a qualidade, a eficiência e as perturbações, além de avaliar sintomas diurnos relacionados ao sono. A pontuação total do PSQI foi significativamente maior em mães de crianças com AA do que em mães de

crianças sem, indicando que as mães de crianças com AA tiveram pior qualidade de sono.

Considerando as mães como cuidadoras primárias na maior parte das famílias, o estudo conduzido por Hoehn et al. (2017) elucida como as mães tendem a perceber a AA de seus filhos como mais impactante em vários aspectos da vida diária, como na preparação das refeições, atividades sociais familiares, estresse e tempo livre, em comparação aos pais. Elas se envolvem mais na preparação de refeições e planejamento de compras de alimentos livres de alergênicos, e são mais propensas a participar de consultas médicas relacionadas à alergia alimentar. Além disso, as mães relatam uma quantidade maior de preocupação devido à alergia alimentar em comparação aos pais.

É comum que as mães assumam uma responsabilidade profunda pelos cuidados de seus filhos. No entanto, a preocupação intensa com a exposição das crianças aos alimentos alergênicos, e em especial como apontado na pesquisa de Reis et al. (2020), a alergia às proteínas do leite de vaca coloca as mães no centro desses cuidados, muitas vezes resultando em sacrifícios pessoais. Por exemplo, algumas optam por manter o aleitamento materno mesmo quando seus filhos são extremamente sensíveis a traços de leite de vaca, que podem ser encontrados na alimentação da mãe e passar para o leite materno. Nesses casos, é crucial que tanto a mãe quanto o bebê sigam uma dieta rigorosamente livre de leite de vaca e seus traços.

Muitas mães enfrentam o dilema de garantir a segurança alimentar, em relação aos alergênicos, que podem estar presentes não apenas na dieta direta da criança, mas também na alimentação da própria mãe durante o aleitamento. Este compromisso com a exclusão de alérgenos muitas vezes significa renunciar a certos prazeres pessoais e implicações sociais, como a escolha criteriosa de alimentos industrializados e leitura atenta de todos os rótulos, tendo em vista que vários alimentos por mais que não tenham o alimento alergênico na composição, podem conter traços de alérgenos não declarados. A falta de transparência nos rótulos dos produtos e o risco de contaminação cruzada adicionam uma camada adicional de preocupação e vigilância para as mães, refletindo um desafio constante na busca por manter a saúde e o bem-estar de seus filhos.

O estudo conduzido por Yilmaz et al. (2021) demonstrou que a AA influenciou o vínculo entre mãe e bebê, provocando ansiedade e raiva nas mães, além de aumentar sua sensibilidade interpessoal. As pontuações mais altas para o vínculo mãe-bebê no grupo com diagnóstico médico, em comparação com os controles saudáveis, podem indicar que essas mães desenvolveram uma atitude superprotetora como estratégia para lidar com os sintomas dos seus bebês, focando mais intensamente no apego aos seus filhos. Segundo a teoria do apego, desenvolvida por John Bowlby (1969), a qualidade do vínculo estabelecido entre a mãe e o bebê durante os primeiros anos de vida é crucial para o desenvolvimento emocional e social da criança. Assim, a presença da AA não apenas afeta o bem-estar físico do bebê, mas também influencia significativamente as dinâmicas

emocionais e comportamentais entre mãe e filho, moldando o estilo de apego desenvolvido nessa relação.

Ademais, outro aspecto importante que emerge nos estudos revisados é o despreparo dos profissionais de saúde, o que acarreta maior ansiedade e estresse materno, segundo Reis et al., (2020), o descaso frequente às informações fornecidas pelas mães, juntamente com orientações superficiais e não fundamentadas cientificamente, em muitos casos minou a relação de confiança crucial entre profissionais de saúde e mães de crianças com esta alergia. O desconhecimento dos profissionais sobre a condição foi percebido pelas mães como um agravante, resultando em relatos de prescrições inadequadas de tratamentos. Além disso, o uso de medicamentos e vacinas exigiu atenção redobrada por parte das mães, pois estes podem conter traços de alérgenos em suas fórmulas e, ainda assim, serem prescritos ou indicados por médicos às crianças.

Segundo Walker et al. (2016), em um estudo abrangendo 1409 famílias de crianças alérgicas, foi observado que a gravidade da AA em crianças está relacionada ao estresse percebido pelas mães e aos fatores de risco cardiovascular, como pressão arterial sistólica (PAS) e diastólica (PAD). Foi observada uma ligação significativa entre a gravidade da alergia das crianças e o aumento da PAS e PAD nas mães, especialmente quando as crianças tinham menos de 5 anos. Esses achados sublinham como o estresse crônico associado ao cuidado de crianças com alergia pode impactar negativamente a saúde das mães. Além disso, o estudo destacou que cuidadores de crianças com alergia enfrentam níveis elevados de estresse percebido, o que pode contribuir para um risco aumentado de doenças. A pesquisa sugere que estratégias eficazes de manejo do estresse são cruciais para melhorar a qualidade de vida e mitigar os riscos à saúde dos cuidadores e suas famílias.

A revisão dos artigos revela uma imagem complexa e multifacetada do impacto das AA na saúde mental das mães. Os métodos variados e as amostras diversas fornecem uma compreensão abrangente das associações entre AA infantis e o bem-estar materno. Embora a maioria dos estudos indique uma correlação positiva entre a severidade das AA e a ansiedade e depressão materna, alguns estudos destacam a resiliência e as estratégias de enfrentamento das mães. Estes resultados podem orientar intervenções futuras, como o desenvolvimento de programas de apoio psicológico e educacional para mães de crianças com AA, visando melhorar a qualidade de vida de ambas as partes.

Dos 19 artigos revisados, apenas 2 eram estudos nacionais. Isso evidencia uma lacuna significativa na literatura nacional sobre o impacto das AA na saúde mental das mães. Considerando as características sociodemográficas específicas da população brasileira, há uma necessidade urgente de ampliar a pesquisa nacional para desenvolver intervenções mais adaptadas às realidades locais. Estudos futuros devem considerar as variáveis culturais, econômicas e sociais

que podem influenciar a experiência e a gestão das alergias alimentares no Brasil.

Conclusões

O presente estudo realizou uma revisão integrativa da literatura para entender o impacto das alergias alimentares na primeira infância na saúde mental das mães. Os achados indicam que as AA têm um impacto significativo e multifacetado na saúde mental das mães, contribuindo para níveis elevados de ansiedade, estresse e outros desafios psicológicos.

A revisão dos artigos selecionados permitiu realizar várias conclusões importantes. Existe uma associação significativa entre os sintomas de alergia alimentar infantil e a saúde mental das mães, com maior prevalência de depressão e ansiedade entre aquelas cujos filhos têm alergias alimentares severas. A severidade das alergias alimentares não afeta apenas as crianças, mas também a qualidade de vida das mães. A sobrecarga de cuidado e o estresse associado ao gerenciamento das alergias impactam negativamente o bem-estar das mães. Mães relatam um impacto maior das alergias alimentares nas atividades diárias e no nível de estresse em comparação com os pais, destacando a necessidade de considerar diferenças de gênero nas intervenções e suportes oferecidos.

Os cuidadores, especialmente as mães, enfrentam dificuldades significativas ao gerenciar AA em contextos sociais, como comer fora, o que aumenta a carga emocional e prática do cuidado. A diversidade de métodos utilizados e o tamanho variado das amostras proporcionam uma compreensão abrangente do impacto das AA. Os resultados indicam a necessidade de desenvolver programas de apoio psicológico e educacional para mães de crianças com alergias alimentares. Esses programas devem focar em reduzir a ansiedade e a depressão, além de fornecer estratégias de enfrentamento e resiliência.

Fatores socioeconômicos e comportamentais das mães influenciam a gestão das alergias alimentares. Isso sugere que intervenções devem ser sensíveis a essas variáveis para serem eficazes. Múltiplas eliminações alimentares aumentam a ansiedade materna, indicando que as intervenções dietéticas precisam ser acompanhadas de suporte psicológico. Essas conclusões destacam a complexidade do impacto das AA na saúde mental das mães e a necessidade de abordagens integradas que considerem os aspectos psicológicos, sociais e práticos do cuidado.

Esta revisão contribuiu para a compreensão do impacto psicológico das AA na primeira infância e ressalta a necessidade de apoio contínuo e direcionado para melhorar o bem-estar das mães e, conseqüentemente, das crianças alérgicas. São necessários mais estudos para explorar estratégias de intervenção eficazes e para entender melhor as necessidades específicas dessas mães, incluindo a diversidade de experiências em diferentes contextos socioeconômicos e culturais.

Referências

ABDURRAHMAN, Z. B. et al. Experiencing a first food allergic reaction: a survey of parent and caregiver perspectives. *Allergy Asthma Clin Immunol*, v. 9, n. 1, p. 18, 2013.

AIKA, Satoko; ITO, Misae; YAMAMOTO, Yachiyo. Food allergy response capabilities of mothers and related factors. *Nurs Health Sci*, v. 19, n. 3, p. 340-350, set. 2017. doi: 10.1111/nhs.12351. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/nhs.12351>. Acesso em: 03 jul. 2024.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ALERGIA E IMUNOLOGIA (ASBAI). Apesar do aumento da prevalência das alergias alimentares, o excesso de diagnósticos é ainda mais expressivo. Disponível em: <https://asbai.org.br/apesar-do-aumento-da-prevalencia-das-alergias-alimentares-o-excesso-de-diagnosticos-e-ainda-mais-expressivo-2/>. Acesso em: 30 mar. 2024.

BEGEN, F. M.; BARNETT, J.; BARBER, M.; PAYNE, R.; GOWLAND, M. H.; LUCAS, J. S. Parents' and caregivers' experiences and behaviours when eating out with children with a food hypersensitivity. *BMC Public Health*, v. 18, n. 1, p. 38, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12889-017-4594-z>. Acesso em: 02 jul. 2024.

BOWLBY, J. (1969). *Attachment and Loss: Vol. 1. Attachment*. New York: Basic Books. Disponível em: https://mindsplain.com/wp-content/uploads/2020/08/ATTACHMENT_AND_LOSS_VOLUME_I_ATTACHMENT.pdf. Acesso em: 05 jul. 2024.

BROOME, M. E. (2000). *Integrative literature reviews for the development of concepts. Concepts development in nursing: foundations, techniques and applications*. WB Saunders Company; Philadelphia (USA), 231-250.

CAMPBELL, A. (1976). Subjective measures of well-being. *American Psychologist*, 31(2), 117–124. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0003-066X.31.2.117>. Acesso em: 30 mar. 2024.

CHOW, Candice; PINCUS, Donna B; COMER, Jonathan S. Pediatric Food Allergies and Psychosocial Functioning: Examining the Potential Moderating Roles of Maternal Distress and Overprotection. *J Pediatr Psychol*, v. 40, n. 10, p. 1065-1074, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/jpepsy/jsv058>. Acesso em: 02 jul. 2024.

CORTES, A.; CASTILLO, A.; SCIARAFFIA, A. Food allergy: Children's symptom levels are associated with mothers' psycho-socio-economic variables. *Journal of Psychosomatic Research*, v. 104, p. 48-54, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jpsychores.2017.11.009>. Acesso em: 02 jul. 2024.

CUMMINGS, A. et al. The psychosocial impact of food allergy and food hypersensitivity in children, adolescents and their families: a review. *Allergy*, v. 65, p. 933-945, 2010.

DAHLQUIST, Lynnda M.; POWER, Thomas G.; HAHN, Amy L.; HOEHN, Jessica L.; THOMPSON, Caitlin C.; HERBERT, Linda J.; LAW, Emily F.; BOLLINGER, Mary Elizabeth. Parenting and independent problem-solving in preschool children with food allergy. *J Pediatr Psychol*, v. 40, n. 1, p. 96-108, 2015. doi: 10.1093/jpepsy/jsu087. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/jpepsy/jsu087>. Acesso em: 01 jul. 2024.

DUNNGALVIN, A.; TRENEVA, M.; PAMPURA, A.; GREBENKO, A.; MAKATSORI, M.; MUNBLIT, D. Quality of life associated with maternal anxiety disorder in Russian children and adolescents with food allergy. *Pediatric Allergy and Immunology*, v. 31, n. 1, p. 78-84, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/pai.13130>. Acesso em: 02 jul. 2024.

FILIZ, S.; KELES, S.; AKBULUT, U. E.; ISIK, I. A.; KARA, M. Z. Sleep disturbances and affecting factors in young children with food allergy and their mothers. *Allergol Immunopathol (Madr)*, v. 48, n. 2, p. 158-164, 2020. doi: 10.1016/j.aller.2019.06.014. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.aller.2019.06.014>. Acesso em: 03 jul. 2024.

FOONG, R. X.; MEYER, R.; GODWIN, H.; DZIUBAK, R.; LOZINSKY, A. C.; REEVE, K.; KNIBB, R.; SHAH, N. Parental perception of their child's quality of life in children with non-immunoglobulin-E-mediated gastrointestinal allergies. *Pediatr Allergy Immunol*, v. 28, n. 3, p. 251-256, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/pai.12689>. Acesso em: 02 jul. 2024.

GOMES, R. N.; Silva, D. R.; YONAMINE, G. H. Impacto psicossocial e comportamental da alergia alimentar em crianças, adolescentes e seus familiares: uma revisão. *Psychosocial and behavioral impact of food allergies on children, adolescents and their families: a review*, 2018.

HOEHN, Jessica L; DAHLQUIST, Lynnnda M; HAHN, Amy L; BOLLINGER, Mary Elizabeth. Parents of Children With Food Allergy: Gender Differences in Perceived Impact and Perceived Food Allergy Severity. *J Pediatr Psychol*, v. 42, n. 2, p. 186-197, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/jpepsy/jsw059>. Acesso em: 02 jul. 2024.

KAJORNATTANA, T.; SANGSUPAWANICH, P.; YUENYONGVIWAT, A. Quality of life among caregivers and growth in children with parent-reported food allergy. *Asian Pac J Allergy Immunol*, v. 36, n. 1, p. 22-26, mar. 2018. Disponível em <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28802031/>. Acesso em: 02 jul. 2024.

KILIÇ, Nülüfer; KAYA, Suheda; TASÇI, Gülay; ÖZSOY, Filiz; KILIÇ, Mehmet. Quality of life in children with food allergies, psychiatric symptoms, and caregiving burden of their mothers. *Allergologia et Immunopathologia (Madr)*, v. 51, n. 5, p. 48-56, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.15586/aei.v51i5.860>. Acesso em: 03 jul. 2024.

LAU, G. Y.; PATEL, N.; UMASUNTHAR, T.; GORE, C.; WARNER, J. O.; HANNA, H.; PHILLIPS, K.; ZAKI, A. M.; HODES, M.; BOYLE, R. J. Anxiety and stress in mothers of food-allergic children. *Pediatr Allergy Immunol*, v. 25, n. 3, p. 236-242, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/pai.12233>. Acesso em: 28 de junho.

LONGO, Giorgio. IgE - mediated food allergy in children. *The Lancet*, 2013. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(13\)60309-8/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(13)60309-8/fulltext). Acesso em: 20 dez. 2023.

LOVIBOND, S. H.; LOVIBOND, P. F. *Manual for the Depression Anxiety Stress Scales*. 2nd ed. Sydney: Psychology Foundation, 1995.

MOIMAZ, Suzely Adas Saliba et al. Percepção dos pais sobre crianças alérgicas ou intolerantes a alimentos em relação à doença. *Português J. Hum. Crescimento Dev.* [online], v. 29, n. 3, pp. 354-364, 2019. ISSN 0104-1282. Disponível em: <https://doi.org/10.7322/jhgd.v29.9533>. Acesso em: 02 de julho.

NUNES, Mara. *Alergia alimentar*. Repositório aberto, 2012. Disponível em: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Esaude/referencial_alergias_alimentares.pdf. Acesso em: 24 fev. 2024.

OLIVEIRA, A. R. V. et al. Alergia alimentar: prevalência através de estudos epidemiológicos. *Revista de Ciências da Saúde Nova Esperança*, v. 16, n. 1, p. 7–15, 2018. Disponível em: <https://revistanovaesperanca.com.br/index.php/revistane/article/view/25>. Acesso em: 15 fev. 2024.

OMS - Organização Mundial da Saúde. (2001). *Estratégia global para alimentação do lactente e da criança de primeira infância*. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/aleitamento-materno-e-alimentacao-complementar>. Acesso em: 27 fev. 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE - OMS (2020). *Improving early childhood development: WHO guideline*. World Health Organization (WHO). Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240002098>. Acesso em: 08 de junho.

POLLONI, L.; FERRUZZA, E.; RONCONI, L.; et al. Maternal anxiety and previous anaphylaxis are associated with alexithymia in young patients with food allergy. *Pediatr Allergy Immunol.*, 2021. v. 33, p. e13680. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/pai.13680>. Acesso em: 01 jul. 2024.

REIS, Pamela dos; SILVA MARCON, Sônia; BATISTA, Vanessa Carla; MARQUETE, Verônica Francisquete; NASS, Evelin Matilde Arcain; FERREIRA, Patrícia Chatalov; ICHISATO, Sueli Mutsumi Tsukuda. Repercussões da alergia ao leite de vaca na perspectiva das mães. *Rev. René*, [S. [1], v. 21, pág. e42929, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.15253/2175-6783.20202142929>. Acesso em: 02 jul. 2024.

RIBEIRO, Alessandra; PIRES, Tayane; NASCIMENTO, Livia. Alergia alimentar: prevalência através de estudos epidemiológicos. *Revista nova esperança*, 2018. Disponível em: <http://revistanovaesperanca.com.br/index.php/revistane/article/view/25>. Acesso em: 02 dez. 2023.

SAMPSON, Hugh. Food allergy: Update on food allergy. *Jacionline*, 2004. Disponível em: [https://www.jacionline.org/article/S0091-6749\(04\)01145-5/fulltext](https://www.jacionline.org/article/S0091-6749(04)01145-5/fulltext). Acesso em: 24 fev. 2024.

SANCALI, O.; ASLAN, A. A. Effects of elimination diets and clinical findings on mothers' anxiety in infants with food allergy with non-life-threatening reactions. *Eur Ann Allergy Clin Immunol*, v. 54, n. 3, p. 108-116, 2022. doi: 10.23822/EurAnnACI.1764-1489.237. Disponível em: <https://doi.org/10.23822/EurAnnACI.1764-1489.237>. Acesso em: 03 jul. 2024.

SANTOS JÚNIOR, E. B. dos et al. Amamentação e alergia à proteína do leite da vaca: desafios de mães após o diagnóstico de seus filhos. *Revista de Conhecimento Científico*, n. 16, p. 9-140, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.55905/revconv.16n.9-140>. Acesso em: 05 fev. 2024.

SHAKER, M. S.; SCHWARTZ, J.; FERGUSON, M. An update on the impact of food allergy on anxiety and quality of life. *Current Opinion in Pediatrics*, v. 29, n. 4, p. 497-502, 2017. DOI: 10.1097/MOP.0000000000000509. PMID: 28509782. Acesso em: 10 mar. 2024.

SOUZA, M. T.; Silva, M. D. & Carvalho, (2010) R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein*, 8, pp.102-106.

VENTER, C.; MEYER, R. Session 1: Cow's milk allergy. In *Proceedings of the Nutrition Society*, v. 76, n. 4, p. 445-455. Cambridge University Press, 2017. DOI: 10.1017/S0029665117001345. Acesso em: 15 fev. 2024.

WALKER, Sheila Ohlsson; MAO, Guangyun; CARUSO, Deanna; HONG, Xiumei; PONGRACIC, Jacqueline A; WANG, Xiaobin. Cardiovascular Risk Factors in Parents of Food-Allergic Children. *Medicine (Baltimore)*, v. 95, n. 15, p. e3156, abr. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1097/MD.00000000000003156>. Acesso em: 03 jul. 2024.

YILMAZ, O.; KACAR, A. S.; GOGEBAKAN, E.; et al. The relationship between dietary elimination and maternal psychopathology in breastfeeding mothers of infants with food allergy. *Pediatr Allergy Immunol*, v. 33, e13670, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/pai.13670>. Acesso em: 03 jul. 2024.

ZHANG, J.; XIE, M.; LIAO, X.; ZHANG, Y.; CHEN, H. Effect of symptom levels of children's food allergy on maternal depression: a cross-sectional and cohort study. *Actas Espanolas de Psiquiatria*, v. 52, n. 3, p. 248–255, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.62641/aep.v52i3.1642>. Acesso em: 28 jun. 2024.